

DEIXIS E PROXÉMICA VERBAL: Percursos enunciativos e processos discursivos

Maria Helena Araújo Carreira

O estudo da deixis constitui, como Fernanda Irene Fonseca o demonstra cabalmente na sua obra de referência *Deixis, Tempo e narração* (1992) “uma via de acesso à compreensão das operações enunciativas que viabilizam a construção do referente pela linguagem” (p. 139), entre dois pólos, o da “dependência contextual” e o da “transposição fictiva” (p. 140).

Apoiando a sua reflexão, a dado momento, na de Harald Weinrich, Fernanda Irene Fonseca cita a passagem seguinte : “La deixis est la prise de conscience dans le texte de l’acte de communication, y compris le jeu de mémoire entre ses deux protagonistes” (p. 130). Entre o mundo actual, aberto para o passado e para o futuro, e mundos possíveis, a relação interlocutiva desenha-se em movimentos de aproximação, de contacto, de afastamento. As alternativas ao mundo actual, criadas pela ficção, podem suscitar um desejo de partilha e, citando Fernanda Irene Fonseca “levar o interlocutor a compartilhar a comungar na evolução de um mundo alternativo” (p. 146)

Tomando em conta o enquadramento apresentado e procurando entrelaçar as reflexões sobre deixis e sobre proxémica verbal enquanto estudo da arquitectura verbal da relação interlocutiva, uma questão que se me afigura pertinente é a seguinte:

Entre os dois pólos referidos por Fernanda Irene Fonseca a propósito da deixis – “dependência contextual” e “transposição fictiva” – que proxémica verbal, que configurações constroem os participantes no processo comunicativo? (enunciativo e interpretativo)?

Partindo desta interrogação procurarei esboçar uma reflexão, com vista a uma proposta de enquadramento para abordagens linguísticas e discursivo-textuais.

O modelo da deixis apresentado por Bernard Pottier em *Représentations mentales et catégorisations linguistiques* (2000) permitir-nos-á conceber, no seu conjunto, a rede de relações espaciais, temporais, nocionais e modais a partir de um sujeito enunciador. Gostaria de sublinhar desde já que, enquanto EU, o sujeito enunciador integra a sua relação ao TU e ao ELE/ELA. Não se trata pois de um EU isento de qualquer intenção, bem pelo contrário, na linha de Emile Benveniste, de Francis Jacques, de Fernanda Irene Fonseca, de Joaquim Fonseca, entre outros, considero ser a intersubjectividade constitutiva da subjectividade.

Vejamos pois a “representação mental” que nos é sugerida por Bernard Pottier para a deixis. Trata-se de um modelo “irradiante” (fr. *radiant*) – “le modèle D – chronodéictique” (B. Pottier, 2000, p. 153) – organizado à volta do EU, ponto de referência: “Le locuteur se prend comme repère et il organise autour de lui les zones déictiques par degrés de proximité et selon des orientations variées. C’est un modèle radiant ». (p. 153)

Sublinhe-se que o ponto de referência da irradiação pode ser o EGO ou qualquer outro (« La noémie déictique est radiante autour de EGO (et de tout autre repère) », p. 246).

Como para os restantes modelos concebidos por B. Pottier (modelo A, cronologia de experiência, modelo B, cronologia de existência, modelo C, cronologia de eventos), o modelo D, cronodéictico, desdobra-se em áreas de instanciação: existencial, espacial, temporal, nocional, modal.

Assim, a noção de PESSOA constitui o fundamento do campo déictico existencial, a partir do qual se organiza a NÃO – PESSOA, isto é “coisas” e “eventos”. Por zonas de distanciamento, partindo do núcleo, temos EU – TU – ELE/ELA, ELES/ELAS; isto/isso/aquilo; outrem/outra coisa (cf. B. Pottier, 2000, p. 247).

A área espacial tem, por ordem de distanciamento, as zonas seguintes: o Aí (ligado ao TU), o Ali, Além, Algures (cf. p. 251 – 256). Quanto à área temporal, organiza-se, como as precedentes, à volta de um ponto de referência, relativamente ao qual se organiza um ANTE e um POST. O complementar de AGORA (neste momento) é OUTRORA (num outro momento, no passado). Passo a citar B. Pottier (2000, p. 156) :

Modèle A: *chronoexpérientiel* (reflète la vie du locuteur qui parcourt le temps)
JE/TPS ↓
JE vis dans le temps

Modèle B: *chronoexistenciel*
TPS ↓ JE subis le temps (le locuteur voit par rapport à lui-même qui sert alors de support comment
JE les événements arrivent)

Modèle C: *chronoévénementiel*
TPS/JE JE m’insère dans le temps (le locuteur fait le point sur la chronologie des événements)

Modèle D: *chronodéictique*
JE ↓ JE construis le temps (le locuteur se prend comme repère)
TPS

O AGORA é o QUANDO inalienável do EU. A área nocional, que o “ASSIM” e o seu complementar “DE OUTRO MODO” representam, associa-se intimamente à área modal, o QUERER e o VALER: “Ce que quelqu’un veut est en principe pour son bien. Le VOULOIR et le VALOIR dominant l’aire déictique modale”. (B. Pottier, 2000, p. 266)

Esta apresentação muito breve da modelização das representações mentais e suas ilustrações, concebida em toda a sua complexidade por B. Pottier (*ibid.*, pp. 137-271), permite-nos estabelecer uma ligação entre o modelo cronodeíctico com as suas áreas de instanciação e o eixo que liga os dois pólos da deixis: “dependência contextual” e “transposição fictiva”. Assim, a “dependência contextual” estará ligada ao EU/AQUI/AGORA/ASSIM, num mundo ACTUAL, enquanto que a “transposição fictiva” supõe “a criação de novas coordenadas, construindo-se um núcleo deíctico alternativo, a partir do qual irradiam por distanciamento gradual “o aqui”, “o agora”, “o assim”, filtrado axiologicamente por uma intencionalidade ou, seguindo a designação de Fernanda Irene Fonseca, “o não-eu”, “o não-aqui”, “o não-agora”, “o não-assim”. (F. I. Fonseca, 1992, p. 147).

As ramificações radiais do núcleo deíctico abrem para uma infinidade de mundos possíveis (ainda que o sejam só num mundo imaginário). A propósito das noções de “ramificação” e de “translação de referência” desenvolvidos por Óscar Lopes, Fernanda Irene Fonseca escreve (num artigo de 1987¹, intitulado “Referência, “translação de referência” e “excesso referencial”. Uma leitura do “excesso” em dois textos de Óscar Lopes”):

“A meu ver, a noção de ramificação deve ser relacionada antes de mais com a deixis, concebendo-se a ramificação deíctica como figura capaz de dar conta da possibilidade inerente aos operadores deícticos de realizar uma referência transposta, de operar o que no texto de Óscar Lopes é designado como “translação de referência” (p. 80).

Também os movimentos centrípeto e centrífugo da deixis, retomados de Óscar Lopes por Fernanda Irene Fonseca, me parecem em adequação com a representação radial do modelo cronodeíctico de Bernard Pottier. A “centrifugação explosiva”, segundo Óscar Lopes, comentada por Fernanda Irene Fonseca (p. 82) “prova uma pluralidade de “eus” projectados que conservam as propriedades inerentes ao eu inicial e a sua singularidade (eu não tem plural, como é sabido). E as coordenadas (aqui – agora) que enquadram esse eu projectado deixam de existir como enquadramento concreto – seja ele o enquadramento de uma “janela” concreta, ou seja a “janela romântica” ou a “janela da tabacaria de F. Pessoa” – e existem apenas como a “janela” que, num outro texto, Óscar Lopes diz ver em certos quadros de Armando Alves, não

¹ In F. I. Fonseca (1994, pp. 75-86).

porque neles haja uma janela, mas porque o que lá vemos nos obriga a ver a janela que lá não está”. (p. 82).

Num outro estudo (“Deixis, dependência contextual e transposição fictiva”, de 1990²), Fernanda Irene Fonseca põe em relação a mostração “in absentia” com a mostração fictícia, através da noção de deixis “am Phantasma”, segundo Karl Bühler (ver p. 95). É, com efeito, a “evidência mental compartilhada” que permite a transposição de campos deícticos, não havendo “qualquer evidência real que viabilize o acto de mostrar”.

Prolongando o pensamento de Fernanda Irene Fonseca, parece-me poder avançar que “evidência real” estará para “dependência contextual”, como “evidência mental” para “transposição fictiva”. Assim, a zona intermédia que liga os dois pólos, é a de uma “evidência mental” (p. 95) que se pode trazer para o campo mostrativo da “evidência real” (p. 95). O exemplo da localização “in absentia” que nos é dado por Fernanda Irene Fonseca é paradigmático: “A Rua dos Combatentes é essa, à tua frente, quando saís da estação do caminho-de-ferro”. Paradigmático também da gradação do conceito de “evidência mental” que se quer compartilhada é o título de um livro de contos de Lygia Fagundes Telles, *Invenção e Memória* (sobre o qual Fernanda Irene Fonseca nos fez uma conferência inolvidável na Univ. Paris 8).

A seguinte passagem de *Os Guarda-chuvas cintilantes* de Teolinda Gersão (1984, pp. 7-9) ilustra bem a conceptualização (gradação da desancoragem da evidência real à ancoragem na evidência mental; sublinhado nosso):

Domingo, um

A pequena cúpula dos dias. Redonda, curvada, transparente. O grande céu vazio por detrás, um céu inventado, que por vezes se manchava de azul cinzento ou negro, conforme mudava o vento e a infundável constelação das coisas.

As estações bem diferenciadas, naquela latitude, a roda do ano girando sobre a sua cabeça, as folhas, os pássaros, as árvores, a chuva.

Os guarda-chuvas, lembrou-se. Num sonho ela roubava guarda-chuvas: um deles estava plantado no meio da rua, por entre tábuas pintadas às riscas brancas e vermelhas, sinalizando obras, iluminadas por pequenos lampiões de lata, e ela roubava-o, molhando os pés em poças de água [...].

[...], e agora ela caminhava pela rua, perseguindo outro guarda-chuva, com ar indiferente de quem pensa noutra coisa, mas pronta a estender a mão e a fisgá-lo no primeiro momento em que ele se distraísse – mas também ele tinha consciência dela, notou, oscilava, cauteloso, para um lado e para o outro, olhando subrepticamente para trás – e agora escapulia-se de repente, num vão de porta, ele não chegava sequer a tocar-lhe, embora estendesse depressa os dedos.

² In F. I. Fonseca (1994, pp. 87 – 103).

E agora é outro que pausa, suavemente, ao pé. Rodando devagar sobre si próprio, como se a provocasse com um silvo rápido, quase inaudível, um sopro, um pequeno som animal, como um leve bater de asas.

Avançou um pouco fingindo não o ver (é de seda, de vidro, de papel de prata, ilumina-se como uma abóbada, um vitral, conforme lhe dá o sol ou lhe bate o vento), estou no vão de uma porta, entre duas vitrinas com espelhos, meto as mãos nos bolsos da gabardina e finjo não o ver (um gato apanhando um pássaro, penso, um gato que fecha os olhos para se tornar invisível, julgando que o pássaro não o verá se ele deslizar, pé até pé, sem abrir os olhos, com gestos de veludo, dissimulando o movimento [...]).

[...] os saltos mortais de olhos vendados sobre um fio de arame estendido entre possível e impossível,

Segunda, catorze

São pois as coordenadas enunciativas geradoras de um “mundo” que viabilizam a deixis, seja ela “in praesentia” (“evidência real”, “dependência contextual”) ou “in absentia” (evidência mental”, “transposição fictiva”). Assim, retomando o modelo cronodéictico de B. Pottier, com as suas áreas de instanciação, é à volta de um ponto de referência radial (seja ele EGO ou qualquer outro ponto de referência) que se organiza a existência, o espaço, o tempo, os domínios nocionais e modais. Ou retomando o termo de F. I. Fonseca, um “mundo”. “Mundo”, “mundos” a partilhar no processo comunicativo da fala ou da escrita, em que o par enunciador – interpretante ou, sublinhando a relação interlocutiva, locutor – interlocutor, toma configurações múltiplas em contextos variados, com intencionalidades e alvos diversos. Como ilustrações textuais seguem-se (a) uma passagem do Prefácio de *Novos Contos da Montanha* de Miguel Torga (1991/1944) e (b) uma sequência de *Ora Esguardae* de Olga Gonçalves (1982).

(a) Querido leitor:

Escrevo-te da Montanha, do sítio onde medram as raízes deste livro. Vim ver a sepultura do Alma Grande e percorrer a via sacra da Mariana. Encontrei tudo como o deixei o ano passado, quando da primeira edição destas aventuras. Apenas vi mais fome, mais ignorância e mais desespero.

[...]

Ora eu sou escritor, como sabes. Poeta, prosador, é na letra redonda que têm descanso as minhas angústias. Mas nem tudo se imprime. Ao lado do soneto ou do romance que a máquina estampa, fica na alma do artista a sua condição do homem gregário. E foi por isso que fiz aqui uma promessa que te transmito: que estava certo que tu, habitante dos nateiros da planície, terias em breve compreensão e amor pela sorte áspera destes teus irmãos. Que um dia virias ao encontro da aridez e da tristeza contidas nas suas fragas, não como leitor do pitoresco ou do estranho, mas como sensível criatura tocada pela magia da arte e chamada pelos imperativos da vida.

[...]

Na tua ideia, o que escrevo, como por exemplo estas histórias, é para te regalar e, se possível for, comover. Mas quero que saibas que ousei partir desse regalo e dessa comoção para te responsabilizar na salvação da casa que, por arder, te deslumbra os sentidos.

Teu,
Miguel Torga

(b) Falaria do júbilo, da frenesim, da glória e da coragem do acontecer. Mas calome. Antes olhai. Pois que tudo aconteceu tão pleno, o quê?, ah sim, era ainda Abril, as pessoas sorrindo, mesmo ali, iam e vinham ao longo da rua, seiva no emaranhado das pálpebras, estrépito de muitas emoções rolando corpo inteiro.
(p. 13)

Quer a ancoragem deíctica do discurso seja “real” ou “mental”, a sua partilha numa dada relação interlocutiva, supõe uma regulação de distância *versus* proximidade da interlocução. Poderemos então colocar a questão: quais os meios linguísticos, quais os processos discursivo-textuais para levar o interlocutor – o interpretante – a compartilhar, a partilhar um “mundo”, com os seus marcos de referência, isto é, marcos de existência, de espaço, de tempo, do domínio nocional e modal?

Passarei a articular a reflexão assim enfocada da deixis com a noção de proxémica verbal que me permitiu estudar, numa arquitectura de conjunto e de modo detalhado as formas de tratamento, as formas interlocutórias e a cortesia linguística do português (língua e discurso).

O termo “proxémica” foi escolhido como se sabe, pelo antropólogo americano Edward Hall para designar, numa perspectiva comparativa intercultural, um novo domínio de estudo que procura elucidar a questão: como é que os humanos estabelecem distâncias entre si, segundo as culturas, segundo as sociedades? Temos assim, na designação escolhida por Edward Hall, a noção de gradação de distância vs proximidade.

A transposição da proxémica, no sentido antropológico, com o seu eixo distância – proximidade, para a representação noémica do espaço interlocutivo, com base na figura cíclica do trimorfo (figura de três fases: 1. aproximação; 2. contacto; 3. afastamento), segundo a teoria semântica de Bernard Pottier, conduziu-me à criação de uma figura especular. Tal figura, também ela cíclica, sugere o espaço interlocutivo de base – locutor A, locutor B – com os seus movimentos proxémicos simétricos (por exemplo, movimento de aproximação interlocutiva da parte de ambos os locutores) e assimétricos (por exemplo, movimento de afastamento de B).

Podemos assim conceber uma arquitectura conceptual de possíveis movimentos proxémicos, relativamente à qual, à semelhança do procedimento que utilizei para o estudo da modalização linguística em situação interlocutiva, se situem processos linguísticos e discursivo-textuais – que podem ser acompanhados de semiologias

não-verbais – de partilha das coordenadas deícticas de um “mundo”, seja ele de “evidência real” ou de “evidência mental”, esteja ele em “dependência contextual”, em “transposição fictiva” ou, ainda, combinado vários graus de memória e invenção (parafraçando o título mencionado de Lydia Fegundes Telles).

Em síntese: partindo dos “dois” pólos de tensão que mantêm unidos o discurso e o contexto (F. I. Fonseca, 1992, p. 140), podemos considerar como zonas intermédias entre esses dois pólos (“dependência contextual” e “transposição fictiva”), zonas de deixis “in praesentia” e de deixis “in absentia”, com os seus vários graus de ancoragem na “evidência real”, de desancoragem dessa “evidência” e de ancoragem na “evidência mental”.

As áreas de instanciação de uma representação radial da deixis, segundo a teorização de Bernard Pottier, em que o núcleo deíctico pode ser o EGO ou qualquer outro ponto de referência, conduzem-nos ao estudo das coordenadas de existência, de espaço, de tempo, do domínio nocional e modal. Adoptando uma óptica comunicacional, de “proposta” ao interlocutor, de “comparticipação, de “partilha” de um ponto de referência para a construção de um “mundo”, a arquitectura conceptual do espaço interlocutivo, do ponto de vista da proxémica verbal, permitir-nos-á situar os meios linguísticos e os processos discursivos de procura, de aceitação, de hesitação ou de recusa de tal “comparticipação” (lembrem-se as passagens já citadas de Fernanda Irene Fonseca (1992, pp. 146-149) “o locutor propõe ao interlocutor que se transponha com ele para um mundo alternativo”; “levar o interlocutor a participar, a comungar na evocação de um mundo alternativo”)

Assim, quer se trate de uma interacção verbal face a face, quer essa interacção seja mediada por um texto, ao qual o interlocutor responderá verbalmente ou não (comunicação simétrica ou assimétrica), a proposta de articulação que acabo de expor poderá ser ensaiada e desenvolvida. Os estudos de Fernanda Irene Fonseca que, a cada leitura, enriquecem o nosso pensamento e aguçam a nossa intuição, permitir-nos-ão captar a contingência deíctica, suspendê-la, construir novos mundos alternativos através da linguagem e partilhá-los.

Terminarei, citando Fernanda Irene Fonseca no seu discurso de abertura do colóquio em Homenagem a Virgílio Ferreira (já acima mencionado): “Saibamos pensar com emoção e emocionar-nos com inteligência.”

Palavras finais de homenagem

Sob a égide da DEIXIS, permitam-me que situe algumas coordenadas.

Foi nos anos de 1980 que conheci em Paris nos seminários do Professor Bernard Pottier, na Sorbonne, os que vieram a ser os meus amigos Fernanda Irene e Joaquim Fonseca. Preparávamos nessa época os nossos doutoramentos usufruindo não só

dos ensinamentos e da orientação do Professor Pottier, mas também do fervilhar linguístico, cultural, artístico de Paris.

Depressa se criou entre nós uma camaradagem amiga em que as trocas linguísticas e os elos de amizade se foram tecendo e consolidando. A participação de Joaquim Fonseca no meu júri de “doctorat d’Etat” na Sorbonne, e a presença, na assistência, de Fernanda Irene Fonseca são para mim lembranças muito significativas.

Os colóquios, as conferências, os seminários em que participámos, mas muito em especial os que fomos organizando na Universidade Paris 8 e na Faculdade de Letras do Porto, intensificaram os nossos elos como investigadores e professores, para quem a amizade e a lealdade sustentam tudo o resto.

O acordo institucional SOCRATES – ERASMUS, por iniciativa de Fernanda Irene Fonseca e de mim própria, para a mobilidade de estudantes e de docentes, assinado pela Universidade do Porto – Faculdade de Letras e pela Universidade Paris 8, tem sido cumprido nas duas vertentes (estudantes e docentes) para grande benefício dos participantes e das instituições, dando assim um contributo para a construção científica, cultural e humana da União Europeia.

É neste contexto, de trocas universitárias, bem enraizadas no tempo, e de elos sedimentados e sempre renovados de amizade que tenho a alegria de participar no colóquio de Homenagem a Fernanda Irene Fonseca.

Para finalizar, a propósito de “portas” e de “janelas”....

No seu estudo sobre *Para Sempre* de Virgílio Ferreira, Fernanda Irene Fonseca escreve: “O *presente* abre para o passado e para o *futuro* as suas várias “portas” e “janelas” (1992, p. 310).

Transpondo-nos para um outro “mundo:

No programa da exposição sobre o pintor arménio Arshile Gorky realizada no Centro Cultural da Fundação Calouste Gulbenkian em Paris, figura um excerto de uma carta de Gorky (6 de Fevereiro de 1942) a sua irmã, de que passo a citar uma passagem, traduzindo:

“Se um quadro...é uma janela da qual avisto uma infinidade, desejo voltar a essa mesma janela para ver outras infinitudes. E construir outras janelas que se abram a partir de um espaço conhecido para outras regiões desprovidas de limites”.

A obra que Fernanda Irene Fonseca tem construído – sempre intensamente vivida e partilhada – oferece-nos o apoio sólido e estimulante de uma “janela” que nos permite “ver outras infinitudes” para o fascinante estudo da linguagem e da língua portuguesa.

A afirmação apresentada na contracapa das Actas do Colóquio em Homenagem a Virgílio Ferreira, organizado por Fernanda Irene Fonseca na Faculdade de Letras do Porto, em 1993, parece-me poder ser transposta para o “aqui”, o “agora” e o “assim” do evento que nos reúne, para homenagear a nossa querida amiga, colega, professora Fernanda Irene Fonseca: “O que é difícil não é demonstrar que uma obra é

excepcional: o que é difícil é ela sê-lo.” No “percurso difícil mas empolgante que vai do impulso à realização”, é esse ser que a obra de Fernanda Irene Fonseca o é.

Universidade Paris VIII

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Carreira, M. H. Araújo (1997). *Modalisation linguistique en situation d'interlocution: proxémique verbale et modalités en portugais*. Louvain-Paris: Peeters (Col. Bibliothèque de l'Information Grammaticale).

Fonseca, F. I. (1994). *Gramática e pragmática. Estudos de linguística geral e de linguística aplicada ao ensino do português*. Porto: Porto Editora (Col. Linguística N° 2).

Fonseca, F. I. (1992). *Deixis, tempo e narração*. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida.

Pottier, B. (2000). *Représentations mentales et catégorisations linguistiques*. Louvain-Paris: Peeters (Col. Bibliothèque de l'Information Grammaticale).

Ficção

Gersão, Teolinda (1984). *Os Guarda-chuvas cintilantes*. Lisboa: O Jornal.

Gonçalves, Olga (1989, 3ª ed.; 1ª ed., 1982). *Ora Esguardae*. Lisboa: Caminho.

Telles, Lygia Fagundes (2000). *Invenção e Memória*. Rio de Janeiro: Rocco.

Torga, Miguel (1991, 15ª edição; 1ª edição, 1944). *Novos Contos da Montanha*. Coimbra: Edição do Autor.

